

Expectativas do Mercado

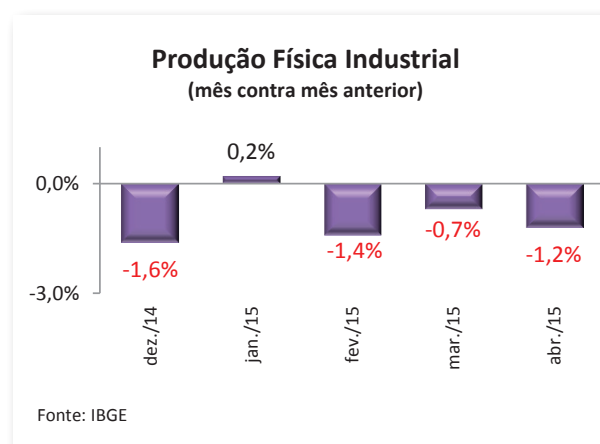
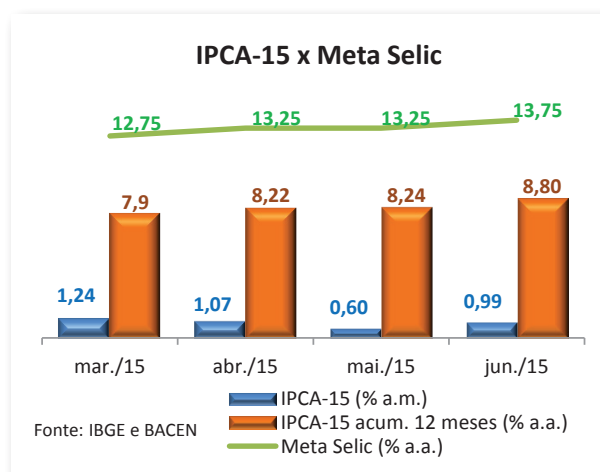
O PIB dos Estados Unidos do 1º trimestre deste ano foi revisado para baixo, de forma que sofreu não expansão, mas queda de 0,2% no período. Os números refletem a retração dos gastos das famílias, das exportações, do investimento privado e dos gastos do governo sobre o crescimento do país, cuja economia tem sido prejudicada por questões climáticas, pela valorização do dólar e pela desaceleração do comércio exterior em decorrência dos problemas econômicos com parceiros comerciais europeus e asiáticos. No entanto, analistas do acreditam que estes fatores são transitórios e o PIB norte-americano deve voltar a crescer no 2º trimestre. Com isso, cresce a expectativa de elevação dos juros pelo FED (BC Americano) ainda em 2015.

Em relação à zona do euro, a manutenção da trajetória de recuperação dos países da região deve ter o apoio dos preços menores do petróleo, da desvalorização das moedas e das medidas monetárias. Porém, o impasse em relação à crise na Grécia vem afetando a confiança do mercado. De qualquer maneira, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) espera que a economia da região cresça 1,4% em 2015, com leve melhora em relação à projeção anterior, de 1,1%.

Para a China, a OCDE prevê um crescimento de 6,8% em 2015, ante os 7,1% anteriores. O governo Chinês vem adotando diversas medidas de estímulo para impedir que a economia do país perca o dinamismo observado nos últimos anos.

No Brasil, os resultados também acusam menor dinamismo. A produção industrial registrou queda de 1,2% em abril ante o mês anterior, com ajuste sazonal. No confronto com igual mês de 2014, sem ajuste sazonal, a retração foi ainda maior (-7,6%) - décima quarta consecutiva nesse tipo de comparação.

Assim, a expectativa dos analistas do mercado financeiro, segundo o Boletim Focus de 19/06/2015, é de que o PIB feche 2015 com retração de 1,45% sobre 2014, recuperando-se só a partir de 2016. A inflação (medida pelo IPCA) já acumula alta de 8,76% nos últimos doze meses até maio deste ano e deverá encerrar 2015 com alta de 8,97%. A taxa de câmbio, por sua vez, deve se situar acima de R\$ 3,20 por dólar neste e nos próximos anos. Na sua última reunião, o Comitê de Política Monetária (Copom) aumentou a taxa básica de juros (Selic) para 13,75% ao ano, devendo chegar a 14,25% este ano. O Relatório de Inflação divulgado pelo Banco Central corrobora as apostas de um ciclo de aperto monetário mais prolongado.



Expectativas do mercado

	Unidade de Medida	2015	2016	2017	2018	2019
PIB	% a.a. no ano	-1,45	0,70	2,00	2,25	2,50
IPCA	% a.a. no ano	8,97	5,50	4,75	4,50	4,50
Taxa Selic	% a.a. em dez.	14,25	12,00	11,00	10,00	10,00
Taxa de câmbio	R\$/US\$ em dez.	3,20	3,40	3,40	3,50	3,50

Fonte: IBGE e Banco Central do Brasil - Boletim Focus, de 19/06/2015

Confira os últimos estudos/pesquisas da UGE:

- Crise Hídrica nos Pequenos Negócios
- Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa 2014

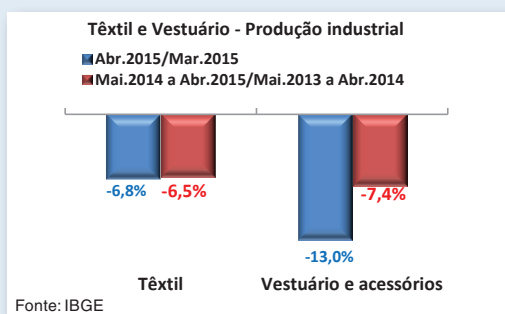
Acesse esses e outros estudos e pesquisas, clicando [aqui](#).

Notícias Setoriais

Comércio Varejista

Em abril, o comércio varejista registrou queda no volume de vendas (-0,4%) pelo terceiro mês consecutivo. Já a receita nominal reverteu o resultado do mês anterior, e mostrou elevação de 0,3%, feito o ajuste sazonal. No comparativo com igual mês de 2014, houve queda ainda mais acentuada no volume de vendas (-3,5%) e elevação de 2,5% na receita nominal (sem ajuste). No ano, o volume de vendas acumula queda de 1,5%, enquanto a receita nominal alta de 4,7% em relação ao mesmo período de 2014. Como consequência da retirada dos incentivos fiscais direcionados à linha branca e a redução da massa de rendimento observada nos últimos meses somada ao menor ritmo de crescimento do crédito, a atividade de móveis e eletrodomésticos registrou o maior impacto negativo para o indicador, com variação de -16,0% no volume de vendas em relação a abril do ano passado, acumulando no ano queda de -8,9%. O segmento de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo foi a segunda maior contribuição negativa na formação da taxa, com variação de -2,3% no volume de vendas em abril de 2015 sobre igual mês do ano anterior. A diminuição do ritmo de crescimento das vendas do varejo tende a se manter no restante do ano, em face do cenário econômico desfavorável, podendo onerar ainda mais os resultados sobre o mercado de trabalho do setor.

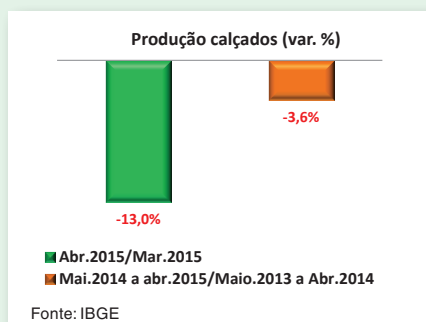
Têxtil e Vestuário



A produção da indústria têxtil, em abril, registrou queda de 6,8% e a de Vestuário e acessórios de 13%, sobre março deste ano. Nos últimos 12 meses, a produção têxtil acumula queda de 6,5% e a de vestuários de 7,4%. A balança comercial deste último setor, por sua vez, registrou déficit de US\$ 1,08 bilhão nos cinco primeiros meses de 2015. Os resultados negativos do setor decorrem dos aumentos e reajustes em itens importantes da cesta de consumo, o que contribuiu para reduzir a renda disponível das famílias; e das altas das taxas de juros e do dólar, que impactaram negativamente a atividade no mercado externo.

Calçados

Em abril, a produção brasileira de calçados inverteu o resultado observado em maio e apresentou queda de 13% na produção sobre o mês anterior, acumulando retração de 3,6% nos últimos 12 meses. Os resultados negativos do setor no varejo brasileiro são motivados pelo desaquecimento no mercado doméstico, em consequência da inflação em alta, do endividamento crescente da população e da queda do poder de consumo das famílias brasileiras. O desempenho da balança comercial do setor também apresentou queda nos cinco meses do ano, tanto das exportações quanto das importações (12,2% e 10,1%, respectivamente). Segundo a Abicalçados, o efeito do dólar valorizado foi mitigado pela perda de competitividade da indústria brasileira, especialmente devido à queda na restituição do Reintegra e o aumento de custos proposto pelo ajuste fiscal.



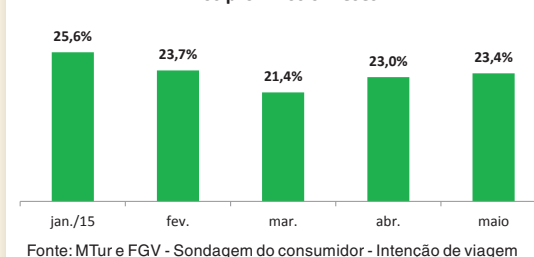
Móveis

A produção de móveis registrou queda de 1,7% em abril, frente ao mês anterior, acumulando retração de 6,8% em 2015 e de 7,3% nos últimos 12 meses. Dado que o cenário econômico mantém-se desfavorável a investimentos neste tipo de produto – contração da renda familiar, dos lucros das empresas e redução do acesso ao crédito –, é provável que as vendas internas continuem a apresentar pouco dinamismo nos próximos meses. No ambiente externo, o setor também vem apresentando resultados ruins e acumula déficit de US\$ 83,6 milhões no saldo comercial.

Turismo

Segundo a Sondagem do Consumidor – Intenção de Viagem, do MTur, em maio de 2015, 23,4% dos brasileiros demonstraram intenção de viajar nos próximos seis meses (em igual mês de 2014 esse indicador era de 24,6%). A maior parte deles (74,1%) continua preferindo os destinos turísticos nacionais, motivação que deve ser potencializada à medida que o dólar fica menos atraente para gastos no exterior. A região Nordeste continua sendo a preferida dos turistas brasileiros (42,7%), mas destaca-se a elevação da preferência pelo Norte (passou de 7,4% para 11,7%). O avião é o meio de transporte que deve ser utilizado pela maioria dos turistas nacionais (61,3%).

Percentual de brasileiros que demonstraram intenção em viajar nos próximos 6 meses



Artigo do mês

Nova metodologia para análise do ambiente de atuação

Mariana Riecken P. de Moraes¹

A análise do ambiente de atuação dos pequenos negócios objetiva conhecer as tendências do ambiente externo de maior impacto para as atividades do Sistema Sebrae, de forma a reduzir incertezas e contribuir para a adequação de sua estratégia.

O Sebrae já vinha se utilizando da análise projetiva para elaborar cenários socioeconômicos de longo prazo, por meio do monitoramento dos “Indicadores dos Pequenos Negócios e Seu Ambiente”. Mas levando-se em consideração as complexidades envolvidas no ambiente no qual o Sebrae e os Pequenos Negócios estão inseridos, a Unidade de Gestão Estratégica do Sebrae NA coordenou o projeto para Elaboração de Cenários Prospectivos como forma de aprimorar o processo de construção de cenários para o planejamento e monitoramento da estratégia da organização.

A análise prospectiva não deve ser confundida com previsão de futuro e difere da análise projetiva porque parte do pressuposto de que não há certeza de que as forças que modelaram o passado irão continuar a modelar o futuro. Assim, considera que novas forças poderão surgir e desempenhar papel relevante na definição do futuro, a ponto de causar rupturas de tendências observadas no passado.

Dessa forma, o projeto de cenários prospectivos tem o objetivo de estudar as diversas possibilidades de futuros plausíveis existentes, a fim de preparar o Sebrae para o enfrentamento de qualquer uma dessas possibilidades da melhor forma possível. Além de visar à preparação, a ferramenta busca criar condições que permitam à organização modificar as probabilidades de ocorrência do futuro no sentido mais favorável a ela.

Para a elaboração dos estudos prospectivos, foram escolhidas 12 variáveis para análise, consideradas críticas para o Sistema Sebrae no horizonte temporal 2015-2022. São elas: (i) Crescimento do PIB; (ii) Manutenção da taxa SELIC; (iii) Variação da taxa de inflação; (iv) Crescimento da escolaridade da população brasileira; (v) Aumento da carga tributária; (vi) Crescimento do comércio eletrônico; (vii) Aumento do número de pequenos negócios; (viii) Ampliação de cobertura do “Simples Nacional”; (ix) Continuidade do processo de formalização do MEI; (x) Maior importância da sustentabilidade para gestão empresarial; (xi) Avanço na internacionalização das MPE; e (xii) Maior oferta em consultoria de gestão empresarial.

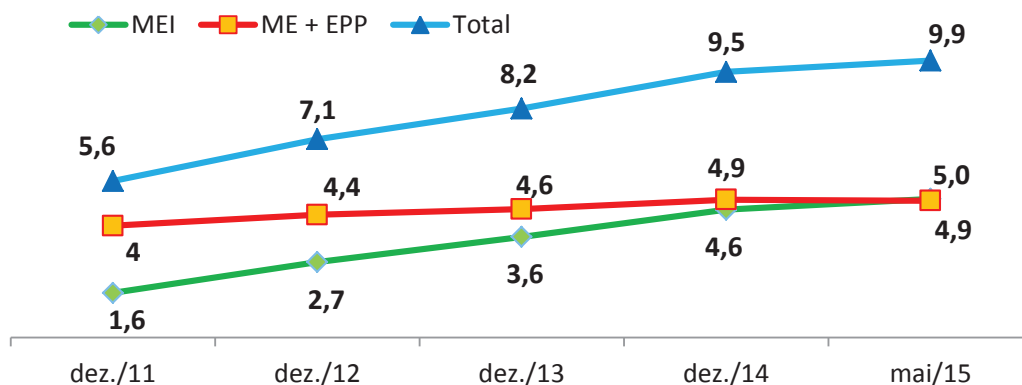
A partir dessas variáveis, foram definidos pontos de corte para a tomada de decisão do Sebrae, a fim de que especialistas pudessem opinar a respeito da evolução delas nos próximos anos. Com isso, chegou-se ao cenário mais provável para 2022, no qual todos os eventos ocorrem.

De posse dessa informação, foram formuladas medidas de atuação para o Sistema Sebrae inserir em sua estratégia institucional, e o ambiente externo passa a ser monitorado também por meio dessa ferramenta, complementando o monitoramento dos indicadores de ambiente dos pequenos negócios, já realizado atualmente.

¹ Economista e analista da UGE do Sebrae Nacional.

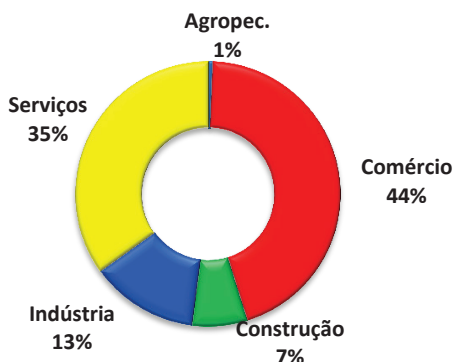
Pequenos Negócios no Brasil

**Evolução dos optantes pelo Simples Nacional
(em milhões)**

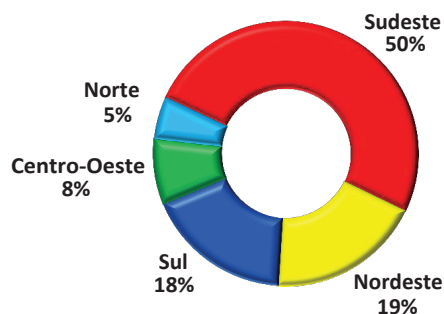


Fonte: Receita Federal

Concentração por Setor



Concentração por Região



Fonte: Secretaria da Receita Federal – março/2015

Estatísticas dos Pequenos Negócios

Participação dos Pequenos Negócios na economia	Período	Participação (%)	Fonte
No PIB brasileiro	2011	27%	Sebrae/FGV
No número de empresas exportadoras	2013	59,4	Funcex
No valor das exportações	2013	0,8	Funcex
Na massa de salários das empresas	2013	41,4	Rais
No total de empregos com carteira	2013	52,1	Rais
No total de empresas privadas	2013	99	Rais
Outros dados sobre os Pequenos Negócios	Período	Total	Fonte
Quantidade de produtores rurais	2013	4,2 milhões	PNAD
Potenciais empresários com negócio	2013	13,2 milhões	PNAD
Empregados com carteira assinada.	2013	15,7 milhões	Rais
Remuneração média real nas MPE	2013	R\$ 1,48 mil	Rais
Massa de salário real dos empregados nas MPE	2013	R\$ 24,4 bilhões	Rais
Número de empresas exportadoras	2013	10,9 mil	Funcex
Valor total das exportações (US\$ bi FOB)	2013	US\$ 2 bilhões	Funcex
Valor médio exportado (US\$ mil FOB)	2013	US\$ 195,4 mil	Funcex

Obs.: 1. **Microempreendedor Individual (MEI):** receita bruta anual de até R\$ 60 mil.
 2. **Microempresa (ME):** receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.
 3. **Empresa de Pequeno Porte (EPP):** receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.